

In memoriam

João Amândio



61

Municipal
Biblioteca



IN MEMORIAM



JOÃO AMÂNDIO



HOMENAGEM
DE ESPOSENSES
E COLABORADORES
... AMIGOS ...

*A Biblioteca Municipal de Espoense
a recordar o fundador do jornal "O Cávado" em 1917
e o desvelado defensor do interesse de Espoense.
Março de 1993*

XXXII ANO

ESPOSENDE, 6 DE FEVEREIRO DE 1949

NÚM.º 1474



Semanário republicano e Regionalista

Agraciado com o DIPLOMA DE MÉRITO na Grande Exposição Internacional de Publicações Periódicas, realizada em Matanzas (Cuba) no ano de 1937

Fundador: JOÃO AMÂNDIO

Director e Editor Interino:
JOSÉ BERNARDINO AMÂNDIO

Propriedade:
Herdeiros de João Amândio

Redacção, Administ. e Tipografia:
RUA BARÃO DE ESPOSENDE

À Saudosa Memória

DE

JOÃO AMÂNDIO

**HOMENAGEM
DE ESPOSENDENSES
E COLABORADORES
*** AMIGOS *****



EDIÇÃO ESPECIAL * ANO DE 1949



JOÃO AMÂNDIO

Fundador do semanário "O CÁVAO"

SAUDADE



EM 30 de Novembro, pelo declinar do Outono, faleceu inesperadamente João Amândio, fundador e Director do semanário «O Cávado».

Tão prematura morte causou entre todos os seus amigos, grande mágoa, tal a admiração e respeito que impunham as suas qualidades inextinguíveis, de esposendense bairrista, de lutador intransigente pela terra que lhe foi berço.

Todas as sentidas manifestações de pesar, prestadas à memória ainda quente do nosso saudoso Director, agigantaram-se, avolumaram-se a ponto de exigir que exteriorizássemos todo esse cordão de pétalas, de saudade derradeira.

João Amândio não era em vão que lutava pela terra que tanto amou. A romagem de saudade dos seus colaboradores, é manifestação consciente de elevada compreensão, dos que amplamente viam, a seu modo, o problema de engrandecimento da região da Ribeira-Cávado.

A romagem de Saudade é a melhor justiça que se presta ao Homem que tomba no seu posto.

A sua luta foi sempre compreendida pelos homens bons. Neles encontrou sempre apoio; eles souberam representar-se na despedida para o Além-Campa.

Mas a batalha não pôde atingir o seu fim! João Amândio estava ultimamente devotado, de alma e coração, ao Porto de Pesca do Cávado.

A morte evitou que conhecesse o resultado da mais inteligente campanha que se pode fazer por Esposende. Legou aos novos a continuidade da obra a que devotou a melhor da sua vontade.

A superioridade de carácter, de personalidade de João Amândio, foram o melhor bastião para neutralizar os escolhos traiçoeiros do mal, que surgem inevitavelmente aos que lutam por um Bem.

*

* *

Esta homenagem servirá para testemunhar a saudade permanente que sente pelo saudoso Director de «O Cávado», a sua Redacção.

IN MEMORIAM que é síntese de pétalas outonais lançadas pelos seus colaboradores e amigos e que sua amantíssima família depositará na sua Campa.

Saudade eterna da sua Esposende!

A REDACÇÃO

De ANTÓNIO CORREIA DE OLIVEIRA:

2 - DEZEMBRO - 1948.

QUINTA DE BELINHO

Meu bom Amigo:

Só esta manhã chegou até ao meu coração, a má, tristíssima nova. A minha gente, por carinho, esconde-me quanto possa afligir-me. Bem será, às vezes, quando só me poupa amarguras ou preocupações que, sem maior cuidado, a tempo se venham a desvanecer; mau foi, diante de tal fatalidade: eu queria e devia acompanhar de mais perto a sua angústia e tomar público e pessoal lugar, — particular afeição e justa solidariedade cívica, — nas justas, derradeiras homenagens (morto, já, e vivo ainda!) que Esposende prestaria a João Amândio.

Muito amou a sua Terra, e por ela esforçadamente fez quanto possível lhe foi, no irradiamento da sua inteligência, boa-vontade e acção.

Sempre esta casa lhe deveu gentilíssimas atenções; e o meu obscuro labor de artista sempre na sua Tribuna Jornalística encontrou alentos do mais doce e pródigo carinho.

Jamais o esquecerei, jamais «Belinho» o esquecerá.

Desculpe a minha falta de comparência, falta que, em verdade, não o chegou a ser. Rogo estender a todos os seus (sei quanto ele os estremecia) a certeza do meu grande sentimento.

Para si, não apenas um abraço coração a coração, mas também compungidas lágrimas, olhos fitos nos olhos.

António Corrêa d'Oliveira

À Memória de João Amândio

Morreu João Amândio, o Lutador...
Aquele que num sonho grande e belo
Quiz erguer sua Terra, com desvelo,
Ao alto pedestal do seu valor.

Sua voz foi erguida sem temor
Num anseio incessante, num anelo,
De juntar, dia a dia, mais um elo,
À justa coroação do seu labor.

Ajoelha, Esposende!... Alguém morreu
Que para Ti, com fé, muito viveu,
E tombou como herói, em dura luta!...

Vem rosas desfolhar na campa fria...
Levanta o olhar para a Alta Moradia,
Onde a sua alma eleita nos escuta...

Maria Irene Faria do Vale

Porto, 14-12-948.

LUTADOR QUE TOMBA

De MANUEL DE BOAVENTURA

João Amândio morreu, ao fenecer do mês, na tarde de 30 de Novembro, sem um ai de dor, ou queixume de desalento, na sua trincheira de combatente, que há trinta anos ocupava. Os heróis acabam no seu posto!

Ia apostar que no último minuto da vida, bailava, em torvelinho, na sua mente de bairrista, a miragem especiosa duma grande Esposende, feita *urbe*, alastrada da barra à ponte e de rio-a-monte, — um amplo porto a servi-la..., navios acostados ao cais... e locomotivas arfantes, carriladas em linhas de aço, a manobrar nos terraplanos das docas...

A rica terrinha engrandecida, na alma do cândido visionário, do sonhador enamorado... era uma realidade!

Na véspera, já noite cerrada, mostrara-me cartas recebidas de Lisboa, de amigos que privavam com maiores das altas esferas, a prometer o patrocínio das obras de restauro do porto e da barra do Cávado:

— «Veja isto! A par dos empatas, ainda há valores que se mexem!»

Pobre visionário! Contudo os seus projectos eram assás realizáveis, na sua mente, porque era homem de fé inquebrantável, que desprezava obstáculos e não admitia limites, a interpôr aos interesses sagrados da Terra!

E' com homens desta têmpera, com vontades decididas, com teimosias assim, que as ideias triunfam a se concretizam em factos.

Há bons exemplos na História e o Director de «O Cávado» conhecia alguns.

Para ser patriota, não faz minguar ser bacharel formado. Basta ser-se inteligente e honesto e pôr a vontade e o braço ao serviço da Grei,

composição dos graneis, ou a lavar as fôrmas — o olhar vivo como o azougue, atento à tarefa, sempre a rir...

Durante anos fui colaborador efectivo do velho *Esposendense* e ia muitas vezes pela redacção e oficinas.

O pequenino João — tão pequeno — que foi preciso mandar fazer um banco especial, para poder chegar aos caixotins, — vinha, às vezes, trazer-me as provas para rever: e dizia com orgulho a mãosita espalmada no peito:

— Foi tudo composto por mim!

Era verdade. Trabalhava com prazer na composição e por último fazia já a paginação do jornal. Vieira era ríspido, mas estimava-o e apreciava-o.

Uma vez escreveu — «uma coisa» —, que seria uma narração ou crónica do seu tempo de escolar, no descomunal e enestético casarão de Rodrigues Sampaio, ali fora de portas, — a romancear ingénuas peripécias, e veio pedir que revisse e corrigisse «aquilo». Era, claro, uma composição banal, que o Vieira não deixaria publicar, se lhe soubesse da autoria.

Eu copiei-o com a minha letra, alterando uma ou outra frase, puz-lhe por baixo umas iniciais de menino bonito e disse ao Vieira que publicasse;

— E' dum rapazinho que promete e quer ver a sua prosa em «letra de fôrma».

Com que alegria o pequeno tipógrafo, dias depois, exhibia a sua primícia literária, aos olhos pávidos dos rapazes do seu tempo, a quem a «coisa» se referia!...

— Ih!... Mas foste tu, ó pás?...

E entre a garotada correu célere a destreza do incipiente «jornalista» a brotoejar artigos...

*

*

*

*

*

*

Desde criança que João Amândio se afeiçoou aos trabalhos da Imprensa. E mal saiu da escola — seu exame feito — correu a casa do velho Vieira do «*Esposendense*» — a pedir admissão e matrícula na escola dos caixotins.

Quantas vezes o vi lá, azafamado, na

Em 917, o João Amândio punha já navalha na cara e pensou em estabelecer-se.

Raciocinou: se um jornal, na terra, é uma força, dois terão o vigor da alavanca de Arquimedes!

Fundou, então, «O Cávado», que foi bem recebido e logo começou a bater-se

pelos melhoramentos. Era a sua finalidade.

A conclusão do aterro da doca merecia-lhe especiais cuidados e os que então pontificavam, ouviram-no e algo fizeram.

Outro assunto por que quebrou lanças foi a Avenida Marginal—ponto de partida para aformoseamento e prolongamento da vila.

Como consequência e sequência da Avenida, viria a Praia de Suave-Mar. E a Avenida fez-se, como se concluiu o aterro da doca-velha, como se inciaram as primeiras construções da Praia. A ideia marchava em frente!

A imprensa, quando bem orientada, é uma grande força e João Amândio sabia-o, e usava dela, com denodo.

Também o prolongamento do Caminho de Ferro, da Póvoa a Esposende lhe mereceu cuidados. Não veio ainda. Mas a semente, lançada à terra, pode ainda germinar. . .

Um belo dia «O Cávado» foi suspenso—não sei já porque *grave crime* cometido contra os sobas mandões, manobradores da censura.

João Amândio não desanimou: o jornal estava composto, prestes a sair. E saiu.

Rei morto, rei-posto! «O Cávado» morrera asfixiado, mas herdara-lhe o espírito combativo, o filho primogénito «O Novo Cávado», de súbito nascido e logo a engatinhar e a balbuciar coisas. . .

No primeiro número uma tunda formidável nos caciques, nos perseguidores, sem qualidades, nem tino administrativo, que só pensavam nos seus interesses particulares e desprezavam o bem da colectividade. E seguiu sempre por esta trilha os bons exemplos do «Pai Cávado»,—sempre a advogar melhoramentos, a indicar necessidades urgentes a pugnar por obras novas, que engrandecessem a Terra querida—sempre tratada com desvelos e ternuras de namorado.

Até que um dia, deu-se o milagre mítológico da Fenix renascida; e o filho obediente, cónscio da abdicação forçada, cedeu o seu lugar ao velho pai—«O Cávado», que, mais experimentado, mais conhecedor dos homens e das coisas, quintessenciou as suas vigorosas campanhas e redobrou de intensidade, em prol da defesa de Esposende e seu alfoz.

João Amândio, não era um intelectual, não possuía qualquer curso superior ou especial, nem fora um autodidata, na rigorosa acepção: mas era inteligente e arguto e tinha boa noção das coisas da vida e isso lhe bastou para singrar e ser considerado cidadão prestável e útil. Depois tinha a grande virtude de se conhecer, de não se julgar preparado para executar missões superiores às suas forças. Procurava, então, colaboradores com envergadura e soube fazer a selecção, com inteligência.

Poucos jornais de província o igualavam na feitura e aspecto gráfico. E isso, aliado à parte doutrinária expandida no jornal, fez com que o pequeno «Cávado» fosse engrandecido com um Diploma de Mérito, na Grande Exposição Internacional de Publicações Periódicas, realizada em Matanzas—Cuba—, em 937.

Poucos jornais portugueses conseguiram a distinção—razão do orgulho com que Amândio, se referia sempre ao seu jornal, com carinhos de pai estremoso.

João Amândio morreu, ao morrer do mês, na tarde de 30 de Novembro, sem ai, ou queixume, no seu posto de lutador, há trinta anos ocupado.

Homem de tão persistente actuação, faz falta neste meio, onde há carência de homens dinâmicos, capazes de trabalhar pelo bem da colectividade,—pela grei esposendense.

Diz-se que não há pessoas insubstituíveis. É certo. A substituição faz-se, mas, cada cabeça, cada sentença, nem todos são dotados da mesma sensibilidade, nem todos pensam da mesma forma, nem todos teem uma prática de experiências feitas.

O jornal continuará a singrar, a correr mundo, a espalhar ideias, a defender a terra querida de nós todos.

Com o mesmo calor e o mesmo entusiasmo? É possível. Outro Amândio—rapaz de esperançoso futuro—tomou o leme do barco.

Oxalá o leve por boa senda, a semear ideias, das que andavam a ferver na mente do visionário sonhador—esse morto cujo espírito, será sempre o espírito tutelar de «O Cávado».

Aqui fica o meu preito de homenagem.

MANUEL DE BOAVENTURA

Dezembro, 1948.

João Amândio morreu. O elogio dos mortos faz-se sempre com inteira independência de apreciação.

Dos mortos não há que esperar, nem agradecimentos nem recriminações. Só a consciência, «luz que tudo apaga, esfinge que tudo vela», julgará irrevogavelmente da verdade das nossas afirmações. O João Amândio foi um homem simples, um trabalhador infatigável, que nasceu para o trabalho e morreu a trabalhar.

Não era um erudito, nem tinha pretensões que se não confinassem dentro do âmbito das suas possibilidades. Não agrediu ninguém, não atropelou ninguém, nem da sua actividade resultou qualquer prejuízo fosse para quem fosse.

Foi, sim, um combatente audaz, intemerato e resoluto em todas as campanhas em que se discutisse o progresso da sua Terra.

Não pertencia à casta daninha dos chamados, muito justamente, valores negativos, quer dizer, dos que caminham à margem dos acontecimentos, operando sempre na sombra, ao sabor dos seus interesses ou das suas paixões.

Não. João Amândio teve, entre outras, a grande qualidade de lutar à luz do dia, não recuando na sua missão de director de um jornal, que tinha como lema defender os interesses da sua terra.

Se a sua figura física era a de um homem vulgar, se a sua estrutura moral, no aspecto em que a apresento, passou despercebida, hoje ninguém a desconhece. O seu desaparecimento do rol dos vivos, tornou-o maior, engrandeceu-o, deu-lhe relevo.

E é sempre assim. Os que se não põem nos bicos dos pés para que as multidões os vejam e lhes dispensem os afagos falazes dos seus entusiasmos, precisam de morrer para serem apreciados.

Foi o que sucedeu com o pobre do João Amândio.

Não semeou querelas nem provocou tempestades. Por isso é que sobre a sua memória pairará, por largo tempo, uma nuvem de saudade e de reconhecimento.

Todos os seus bons conterrâneos começaram já a fazer-lhe justiça, acompanhando, em avultado préstito, o seu cadáver à última

João Amândio

O MEU DEPOIMENTO

Do DR. ALEXANDRE TORRES

de bons amigos que a Morte, no seu sinistro labor, vai despenhando na sombra misteriosa dos cemitérios...

João Amândio pertencia ao grupo cada vez mais escasso dos meus sinceros amigos, desde há muitos anos. Esta pobre homenagem que hoje presto à sua inolvidável memória, não é, pois, senão o princípio de pagamento de uma dívida de gratidão pelas horas de distração que me proporcionou com o seu convívio alegre, avivando factos e episódios que a minha cansada memória já tinha arrumado definitivamente.

Que Deus receba como orações pela sua alma, as lágrimas com que o viram partir para sempre, a família e os amigos.

ALEXANDRE TORRES

Porto - Dezembro - 1948.

HOMENAGEM

RECORDAÇÕES

De JOÃO DE FREITAS

SURPREENDEU-ME, pungentemente, a morte do João Amândio. Quando há — como havia entre nós — verdadeira amizade — e nem a idade nem a doença constituem preocupações sérias, quase não pensamos no rude golpe que, um dia, nos atinge inesperadamente como agora: o falecimento de quem nos habituáramos a estimar, quer dando, quer recebendo espontâneas e gratas provas da melhor consideração pessoal.

O afastamento da minha querida terra natal — já lá vão 12 anos! — não alterou, sequer levemente, tão gratíssima estima.

Sempre que, fugidamente, visitava Espo-sende, no percurso até minha casa havia, para saudação obrigatória, uma paragem:

a da Tipografia do João Amândio, com quem, alegremente, num abraço fraternal, matava saudades, numa breve conversa.

Desde muito novo que comecei a admirar o João Amândio, pela sua quase permanente e comunicativa boa disposição, pelo seu porfiado labor cotio — modesto, mas honradíssimo —, com que obtinha meios para se sustentar e à família, revelando-se um filho e um irmão exemplar.

Não tinha eu 20 anos, o João Amândio incitou-me a colaborar no seu jornal. Tal facto originou a minha colaboração de incipiente nas lides jornalísticas. O meu trabalho foi constante, cada vez maior, e, não obstante a «verdura» própria da minha pouca idade, ele «promoveu-me» a redactor principal, tarefa ingrata que desempenhei enquanto a minha vida me não coagiu a ocupar todo o tempo de que dispunha a fim de, por absoluta necessidade, preparar o meu futuro.

O João Amândio soube e conseguiu sempre ter a ventura de optima colaboração no seu semanário — excepto a minha — publicando artigos de agrado certo, dentro e fora do concelho, pelos interessantes conceitos educativos e eruditos que encerravam, brilho literário da descrição, assinada por autores que eram e são justamente distinguidos pelo seu talento. Daí, muitos desses artigos serem frequentemente transcritos noutros semanários do País, facto que muito alegrava o João Amândio.

«O Cávado», pela dedicação do seu director, elegante disposição gráfica e valiosíssima colaboração de nomes consagrados no meio e no País, tornou-se um semanário que honrou Esposende, cujos interesses, necessidades e ânsia de progresso sempre defendeu vigorosamente.

Os sacrificios, a acção, e o trabalho pertinaz do João Amândio no seu jornal, as grandes amizades que pela vida fora o distinguiram justamente, tornam a sua memória perdurável a par de viva saudade.

Desejamos, sinceramente, que José Bernardino Amândio, sobrinho do João, a quem admiramos pelos seus predicados pessoais e intelectuais, possa continuar nobremente com a tarefa honrosíssima que também constitue um legado que o tio — infelizmente! — não teve tempo de lhe recomendar que cumprisse: **manter o jornal, como sempre, a bem de Esposende!**

JOÃO DE FREITAS

João Amândio

Do Cap. JOSÉ G. DE ANDRADE

For dolorosa, muito dolorosa, a notícia que o correio me trouxe há dias. Fui, assim, surpreendido com a triste comunicação do falecimento daquele meu saudoso amigo.

Não suspeitava, nem me passava pela cabeça a ideia de tal acontecimento. Eu quase nunca leio jornais, e, por tal motivo, pouco ou nada sei do que se vai passando por esse mundo.

O sobrinho do falecido quiz ser amável em me pôr ao corrente do que se passou. Supôs ou acreditou na amizade que eu tinha por seu tio, e fez bem acreditar.

Eu estimava João Amândio. Era uma amizade que vinha de há dez ou onze anos. Encontrava-me em Viana-do-Castelo e conhecera-o numa das minhas frequentes idas a Esposende. E de tal maneira me afeiçoara a ele, que sempre que eu ia àquela vila, era obrigatória a minha visita ao saudoso amigo. Conversávamos um pouco e geralmente íamos até ao «Café» que era o pretexto para nos demorarmos mais algum tempo em amena conversa,

Habituara-me de tal maneira ao convívio daquele amigo que, passado pouco tempo ele era, para mim, inseparável de Esposende. Sempre que evocava aquela terra minhota, surgia nela, em qualquer lugar, na rua, no «café» ou na tipografia a figura de João Amândio. Eu já não sabia separar uma coisa da outra.

Há pouco tempo passei em Esposende, Era um domingo e para mais dia de festa em Fão. Perguntei por ele e disseram-me que àquela hora era difícil de encontrar e que estaria na festa. Como não me podia demorar, prossegui na minha viagem e planeei, num dia que voltasse ali, ir abraçá-lo.

O homem põe e Deus dispõe, diz-se, e é bem certo. Não quiz o destino que eu tornasse a ver aquele chorado amigo.

*

* * *

Estou a vê-lo com a sua habitual expressão sorridente, um ar de bondade a bailar-lhe nos olhos, sempre afável, sempre pronto em ser

ENTROU na grande noite, como dizia Camilo, aquele que, por uma traição da sorte, nos foi arrebatado de assalto, deixando no nosso espírito uma funda saudade. Findou a sua travessia no planeta quem foi um alto exemplo de aplicação ao trabalho, honradez impoluta, patriotismo indisputável e verdadeira ternura pelo terrunho natal, cujos interesses e aspirações propugnava estrênuamente, como um apóstolo obstinado.

De uma bondade sem artificios e uma tolerância sem quebranto, mantendo através de tudo o seu brio e os seus ideais, ele soube conciliar a simpatia e o respeito de quantos o conheciam e podia usar-se

prestável. Naquele convívio com as letras, director que era do jornal «O Cávado», eu surpreendi nele a reverência alta e o respeito profundo pela inteligência. Ele amava todos aqueles que revelavam valor e amava a inteligência, eis tudo, para bem definir o seu carácter. Neste país, onde a pior bestialidade que se pode fazer é a pessoa preocupar-se com as coisas da inteligência e do espírito, o saudoso João Amândio era uma excepção à regra.

Contra o costume de certos indivíduos, que para se darem ares de sabedores, todos eles são reservas, cautelas e reticências, o pobre do João Amândio, pelo menos, foi como eu o conheci, todo ele era espontaneidade, dizia aberta e claramente o que entendia quando tinha de dizer ou se tinha de pronunciar sobre qualquer coisa.

Nesta época de caracteres dúbios, tortuosos, hipócritas e falsos, avulta a meus olhos a imagem de João Amândio, com o seu habitual sorriso nos lábios, a dizer ou a escrever sem tibiezas e sem pensamento reservado, num acto de franqueza que neste mundo de perversão já não é habitual.

Apresento a todas as pessoas queridas daquele saudoso Amigo as dolorosas expressões do meu mais sentido pesar, e que estas palavras singelas, como singela era a sua alma, sejam a expressão de uma homenagem bem sentida e bem profunda prestada à memória do inesquecível Amigo.

JOSÉ GONÇALVES DE ANDRADE

Porto, Dezembro de 1948.

do apreço e estima em que o tinham importantes vultos das Letras e da Política.

Na sua querida folha — «O Cávado» — que algum tempo, por motivos alheios à sua vontade, se chamou «O Novo Cávado» — conseguiu reunir um valioso grupo de colabo-

DUAS PALAVRAS

De JÚLIO DE LEMOS

radores das mais diversas opiniões, como Abel Varela e Seixas, Alexandre Torres, Alfredo Pinto (Sacavém), Alvaro Pinheiro, António Dias, Artur Roriz, Boanerges Cunha, Celestino Pires, Duarte Carrilho, João de Freitas, José Gonçalves de Andrade, Luis Barradas, Manuel de Boaventura, Mário Gonçalves Viana, Soeiro da Costa, Vinha dos Santos, Xavier Viana e outros.

Era um plúmitivo consciencioso, que compreendia a missão educativa e orientadora da Imprensa, defendendo em todas as situações a liberdade de pensamento e de expressão, embora com a correspondente responsabilidade.

Nunca nos víamos, mas éramos amigos — e sempre acolheu com penhorante gentileza os pobres artiguinhos que eu enviava ao seu semanário.

É, pois, mais um camarada e correligionário que desaparece da cena da vida, ulcerando o nosso coração cruelmente.

Que os novos, seus conterrâneos, tomem a lição que João Amândio lhes legou e depressa o substituam!

Descanse em paz, no maternal aconchego da boa terra esposendense, o nobilíssimo carácter e fervoroso democrata.

Reitero à família enlutada a carinhosa expressão da minha condolência.

JÚLIO DE LEMOS

Viana, 12-XII-948.

H Á tantos, tantos conceitos sobre a morte e tão divergentes na sua interpretação filosófica que, por vezes, embrenhando-se na transcendência do incognoscível, deixam-nos um vácuo insondável no campo das hipóteses. A «morte — segundo a inteligente concepção do grande professor da Sorbonne no século XVIII, Francisco Guizot, — *tem segredos que ninguém penetra cá na terra.*»

João Amândio é mais uma vítima desses insondáveis segredos; é mais um coração cujo percurso na vida foi sustado por um destino certo que lhe parou o movimento; é mais um espírito cuja vida tinha o seu termo marcado pela lei da fatalidade da existência ou pelo princípio fatalista da constante renovação dos seres.

Sob qualquer aspecto que pretendamos interpretar o fenómeno, a realidade fria e crudelíssima que nos entristece e amargura, é que a sua vida material cessou para sempre.

Fugiu-nos, numa saudade imensa, o contacto com o seu espírito de acentuado bairrismo; desapareceu-nos, na rapidez fugidia do voo duma ave, o convívio com o calor que aquecia os seus anseios pelo progresso esposendense; perdeu-se o fio de tantas conversas desenhadas na ânsia de ver a sua terra fortemente iluminada pelo facho do maior dos engrandecimentos; e descolou avançando espaços fora, para âmbitos superiores à penetração do cérebro humano, o átomo que ligava os nossos encontros em diálogos amigos sempre no interesse do grande lar que lhe foi berço.

Mas como a morte, na frieza da sua escolha, despe a vida das roupagens e bens terrenos, esquece-se — nessa ferocidade hiante de lâmina de guilhotina implacável — de que veste a memória dos que arrebatada, das obras que deixaram a perdurar pelo tempo fora, embora modestamente simples, todavia sinceramente contributiva para a vinculação, no caso presente — do mais intrínseco amor à sua terra.

João Amândio, na saudade que lhe devemos e no reconhecimento ao esforço dispen-

À memória de JOÃO AMÂNDIO

De ARTUR RORIZ

didado, sobretudo transparecido através deste semanário de que foi fundador e para o qual obteve tanta colaboração, ocupará, hoje e sempre horas recordativas de acolhedora simpatia, lembranças ínti-

mas de afecto e justiça no âmago de todos que lhe admiraram os predicados. E, se alguma coisa se deve à memória dos mortos que bem mereceram o nosso respeito; se, ao entrarmos no problema do julgamento da forma como agiram e actuaram penetrando o segredo dos motivos e razões que lhes guiaram e determinaram as atitudes, tivermos de lhe render homenagens, para João Amândio a maior, aquela que lhe mais agradaria, será a de continuarmos, aqui, no seu «Cávão», a mais persistente batalha pelo progresso e engrandecimento de Esposende.

Apesar de um dia, Alexandre Herculano, alta notabilidade das letras portuguesas, ter escrito estas interrogativas palavras: — «*Haverá paz no túmulo? Para o que aí repousa sei eu que há na terra o esquecimento,*» estou convencido, e quase posso afirmar, que desmentiremos esse esquecimento.

ARTUR RORIZ

PREITO DE HOMENAGEM

A morte sempre traiçoeira e má, sedenta de vítimas, estendeu as garras aduncas, procurando satisfazer a sua fome voraz, fechou os olhos e com um talhe da sua foíce sinistra, cortou cerce a existência do meu velho amigo de há cincoenta anos.

Morreu o João Amândio. Desapareceu o companheiro de conversa, de crítica sempre pronta que a todos dispunha bem, mas permanece bem funda a saudade, a recordação que nunca se apaga.

Partiste para o Além; encetaste a viagem que não tem regresso. Esqueceste a vida terrena e material, somente o espiritual subsiste. Prevaecem as saudades sentidas com que os teus amigos te recordam. Descansa em paz, pois o teu nome, João Amândio, nunca será omitido nas minhas preces.

CAP. ANTÓNIO M. DA COSTA

Se, na verdade, já tínhamos dito em palavras simples aquilo que sentíamos acerca de João Amândio, vi-

HOMENAGEM

E porque não?

Do DR. ABEL VARELA E SEIXAS

ando a sua vida jornalística, de trabalho e luta, porque não damos a nossa mais que modestíssima adesão a este «número-saudade» e virmos novamente desfolhar as pétalas das rosas, singelas, que o espírito transporta para depôr no túmulo lá distante daquele que foi amigo e companheiro destas lides árduas e sem brilho, sem público e sem aplausos, destas canseiras que tantos desgostos nos trazem, por vezes, da imprensa provinciana.

E porque não?

Porque não virmos também em romagem junto dos camaradas que connosco — o de menos brilho e côr, arte e geito, talento e valor — nos dão a honra e o prazer de se immanarem na nossa companhia nas colunas desta tribuna regionalista, destas campanhas de bem querer aquilo que sempre foi nosso e dos nossos, terra querida a que muito amamos, para onde vamos periódica e espiritualmente na ronda da saudade.

Ao vermos tombar, dia-a-dia, aqueles homens que nos iniciaram no declivoso e áspero caminho das letras, ao vermos no momento que passa, o materialismo que será no amanhã a vergonha dum século, projectada nas páginas da história, nós — espiritualistas e idealistas, pertencentes ainda a uma geração que sabe o que pretende — sentimos um vácuo enorme, ao ver desaparecer e ficar em vago o lugar daqueles que se impunham pelo seu carácter, pela nobreza cujo título nobiliárquico era o trabalho, cuja máquina propulsora era o cérebro e alavanca executora o braço de mão calejada nas intempéries do destino, na luta pelo pão honrado de cada dia, que se conquista e se não herda.

E o vácuo, eis que fica, Deus sabe para ser preenchido por quem e quando. Quantas vezes, no silêncio da noite e no remanso da saudade, cérebro agindo em trabalho evocativo-constutivo, vemos formar essa guarda de homens que nasceram pobres e pobres marcharam para a viagem de onde

se não volta. Estou a vê-los, por ordem decrescente de datas...

— Capitão Joaquim Carlos Pereira, director de «O Minhoto», de Valença; Ca-

pitão Manuel Gomes, director de «O Notícias de Valença»; Bernardo Pereira da Silva — quem o não evoca? — o da «Aurora do Lima», da velhinha «Aurora»; João Amândio, seguido já de nova queda nas fileiras, tão falhas dos chamados «homens bons» à face desta onda de indiferença que nos avassala, dominando o mundo: — Padre Magalhães Costa, do «Diário do Minho».

Sabe-se lá se a memória ingrata, não nos teria atraído, ficando no olvido algum que devíamos lembrar nesta mobilização de forças que pertencem ao passado! Pois, vêm-los muitas vezes nas horas febris de entusiasmo crepitante, vivendo horas que são hinos à nossa glória de escribas, sofrendo revezes, perseguições, as coisas pequeninas...

Evocando uns, exalçamos à luz da Justiça e da Lealdade de camarada desta lufa-a-lufa sem valor e sem nexos, farrapo de entusiasmo e bem querer com a vida efêmera das rosas de Malherbe, páginas pobres onde o tempo polvilhará rápida e brevemente a poeira do esquecimento.

Soando o clarim a convocar para uma homenagem de saudade, velhos e novos, pequenos ou grandes, não poderíamos faltar pela simples razão que dita a amizade dum soldado disciplinado e fiel ao que sempre fomos duma ideia: — o Regionalismo.

Nesta parada em torno da memória de João Amândio, pouco mais nos resta dizer a não ser que isto mais não representa do que a certeza na certeza de amanhã. A convicção de que não desertamos e estaremos prontos a continuar uma obra que sendo de quem muito lhe queria, a nós a legou, pedindo-nos a sua evocação que não desertemos.

Assim será, se Deus quiser!

Assim seremos dignos dum amigo que considerava os seus colaboradores como pessoas muito suas, muito próximas. Que viveu no amor à sua terra, na esperança de a ver maior, enlaçada com amor e ternura, con-

PERDI UM AMIGO

Do DR. FRANKLIN NUNES

Foi de súbita angústia a sensação experimentada ao ser-me comunicada a morte inesperada de João Amândio, como a todos os seus amigos inúmeros e admiradores certos deverá ter acontecido, até mesmo para aqueles que, a seu lado, assistiram aterrorizados ao afundamento trágico de uma vida laboriosa e útil, que ainda, momentos antes, vibrava e agia proveitosamente em comunicabilidade atenciosa, em preocupações atentas!

Amigo de largos anos de João Amândio, desde os longínquos tempos em que, pelas Festas da Senhora da Saúde, me deslocava a Esposende a pedido do António da Fonseca para tomar parte em desafios de foot-ball, incorporado no Grupo local, ou como instrutor ou, ainda, como remador, para tomar parte nas vistosas e importantes Regatas que anualmente o glorioso Club Fluvial promovia e realizava incansavelmente — tinha o João Amândio a meu lado, ou como adversário

córdia e progresso, na beleza, no desenvolvimento e até na política.

Paz seja concedida agora, no reino onde a igualdade não é mito mas realidade integral, a quem tanto lutou pelo bem da sua terra, que no seu jornalzinho levava a terras de além-mar muito à alma dos nossos queridos conterrâneos. Que ainda a morte veio surpreender — como todos desejaríamos acabar — na ideologia dum sonho, na concepção dum problema, na amizade a uma classe, numa luta de amor e bairrismo: o Porto de Mar.

João Amândio, como esses gladiadores antigos, talvez tivesse obtido de Deus a morte que desejava: — em plena campanha pacífica de esperança, a bem da sua querida e linda terra.

Altos desígnios de Deus! Bendita seja sempre a Sua Vontade, cumprindo-se a Dêle e não a nossa!

ABEL VARELA E SEIXAS

Lisboa, 30-XII-1948.

temeroso, ou como partidário de luta, sempre amigo, sempre leal, nas águas festivas do Cávado engalanado ou nos acolhedores campos desportivos da Terra ou de Localidades próximas.

Mais tarde, a infalível e tentadora brotoja da letra de Imprensa levou-me a aceitar os seus amáveis oferecimentos e levou-me a frequentar o «Cávado», *sempre que quizesse, como quizesse e para o que quizesse*, numa convicção desvanecedora de confiança tão ilimitada que me causava sempre calafrios quando tinha de lhe fazer a vontade ou *urgia* que eu me manifestasse!

Ainda não vão decorridos muitos meses que novamente deu provas seguras da sua estima e da sua compreensiva actividade e dignidade de acção procedendo da única forma compatível com a sua amizade radicada e com uma admirável lisura profissional, sem desvios!

Era este o Amigo que me foge, mais um e dos melhores entre tantos *pimpões* conhecidos que inquietam o físico tibial com um manhoso rosnar mal confido e ingrato ou apoquentam a nossa sensibilidade com uma presença rastejante e vesga, tolerada só por um complexo de inferioridade de educação que sou eu o primeiro a lamentar, mas que é um dos muitos defeitos de que, para descanso meu, não sou capaz de me libertar tranquilizantemente!

Ficam a Terra e o Concelho a dever-lhe inúmeros e valiosos serviços, sempre na mais pura e firme intenção de bem cumprir a sua árdua missão jornalística e de dar conforto ao seu magnânimo coração bairrista insatisfeito. Todavia, na sua acção moralizadora e construtiva, nunca esquecia que o Concelho não era só a sua Terra Natal e que os interesses particulares nunca podiam desviar ou anular a boa, salutar e criteriosa propaganda de todas as Localidades do Concelho, desde que a sua conhecida e dedicada isenção jornalística invocavam, o seu activo e zeloso auxílio requeriam, ou a sua desinteressada inicitativa estava em causa.

E eu, mais talvez que ninguém, posso enternecidamente salientar este diligente aspecto da sua personalidade, não poucas tendo sido as oportunidades em que prontamente João Amândio reconhecia a justiça e o alcance do que lhe lembrava, bem como logo promovia a sua realização acertada e completa!

Não tinha João Amândio um grau académico que, aliás, a tantos faz *cristalizar* na vida, porque *confundem*, pedantemente, os mais eficientes meios de triunfo com os simples fins a atingir; mas, e precisamente porque João Amândio teve de fazer a sua *licenciatura* própria no *struggle for life* social, é que o seu valor é maior, é que o seu triunfo foi indiscutível.

Vivendo a vida da sua terra, João Amândio era o *exponente* perene das suas aspirações, como a sua redacção era a *sede* do Secretariado de Propaganda e de Informações de Esposende, onde todos iam ter, desde o simples indígena até aos forasteiros mais categorizados, levados estes pelo consenso de todos os bairristas.

...Quando comecei a vir por esta terra, há tantos anos já, um simples acaso levou-

Se tinha a certeza da seriedade da proposta ou da campanha sugerida, que franca e claramente lhe eram apontadas, o certo é que sem tibiezas e sensatamente tratava de as ultimar ou orientar decisivamente, ouvindo fechados a facilidades capciosas ou a vantagens aviltantes que não se compadeciam com a segura estima que nos unia e com a lisura, com a honestidade da sua missão educativa de Jornalista perfeito que tem um objectivo moral e construtivo a cumprir, embora dolorosamente!

E', por conseguinte, bem digna a sua memória da nossa recolhida e grata recordação saudosa, pelo muito que pôde efectivar a bem e em proveito das Localidades da margem esquerda do Cávado formoso e pela dedicação insofismável e transparente com que retribuía a minha admiração e a minha amizade sincera e radicada.

Perdi um Amigo invulgar, dos raros que nos surgem durante a vida e que sempre apreciamos carinhosamente, como merecia; perdeu Fão um seu defensor convicto e constante propagandista que, acima dos interesses pessoais possivelmente ameaçados, mantinha a sua orientação, teimava na sua campanha justa e benéfica, com uma galhardia e clarividência, talvez pouco compensadora, mas digna e fecunda.

FRANKLIN NUNES

À BEIRA DA CAMPA

Do DR. DUARTE CARRILHO

-me a outra redacção e a outro jornalista, ao «Esposendense», de José da Silva Vieira que, um pouco a seu modo mas com grande sentimento, embora com menor dinamismo aparente por feitio próprio, batia também o teclado bairrista.

Morto Silva Vieira e acabado o «Esposendense» precisamente quando, de tanta semente tão pròdigamente lançada à terra, começava a germinar alguma, João Amândio recebeu a minha visita, com a de todos os que andavam desgarrados *pro domo sua*, com visível contentamento.

E' que João Amândio acaudilhava naturalmente, sem ter tal intenção e nisso estava o seu grande mérito, porque era o *único farol* que animava, que irradiava luz e calor, sempre optimista e aberto a tôdas as sugestões.

João Amândio, pelo seu desinteresse e viva persistência, pelo seu inexcedível bairrismo e pelo seu entusiasmo sempre moço, **faz muita falta a Esposende.**

...A maior homenagem que êle desejaria, se nela pudesse ser juiz, seria a de que, unindo-nos em volta do seu sucessor, este, rapaz novo, cheio de qualidades e de boa vontade, pudesse continuar com brilho a sua obra, a bem da memória do fundador do «Cávado» e dos superiores interesses de Esposende.

— E são os meus últimos votos, ao associar-me à homenagem de todos ao querido Morto.

DUARTE CARRILHO

DUPLA HOMENAGEM

Do P.º D. ANSELMO B. REGO

... **P**OR nunca estar ao serviço duma indignidade, mais valor tem este meu preito. Envolvido ainda nas torturas da saudade pela morte inesperada do velho amigo *João Amândio*, mal me consente o ânimo, tracejar mais duas palavras à sua memória. Trata-se de um *número único* e

para o qual foi reclamado o meu humilde concurso. Dou a minha presença, na dôr que me acompanha.

— Fui há dias à sua *campanha* murmurar umas preces e quase pedir-lhe licença para tornar público as suas últimas palavras, a mim dirigidas e a um grupo de velhos amigos. Dois dias antes do seu falecimento inesperado fui visitá-lo com mais três amigos, companheiros do belga, na Assembleia. Rodeamos-lhe o leito, em que ele se refugiara, mesmo vestido. Nada nos fazia supôr que era a hora da despedida.

Conversou longamente da *noite tempestuosa* que passara. Dissera ao médico, que ali fôra três vezes naquela noite: «Senhor doutor, salve-me; de contrário, morre *O Cávado*.»

Sua alma estava toda entregue à vida do *Cávado*, defensor vigilante e acérrimo dos interesses da *vila* e seu concelho. Era um amigo, como poucos, da sua linda Esposende. Honra-lhe seja por tal motivo e que *ele* fique, como lição, na galeria respeitada dos *novos* da nossa formosa terra. *Justiça ao mérito*.

— Seu sobrinho, José Bernardino Amândio, inteligente estudante em Braga, passeando numa sala contígua ao quarto em que o fôramos visitar, ouviu a conversa de seu tio e mormente o interesse que ele manifestára pela vida do *Cávado*, ou melhor, pelo bem de *Esposende* e seu concelho. *Pois bem*: este académico, que é uma inteligência robusta a firmar uma promessa pela força de vontade, tendo-se feito homem por seu esforço próprio na carreira que está

Carta da Casa Entre-Douro-e-Minho

Foi com o maior pesar que a Direcção desta Casa tomou ontem conhecimento no início da sua sessão ordinária, do falecimento de seu tio, o nosso Amigo Sr. João Amândio. Rejeitos da surpresa que nos causou tão inesperada notícia, não deixamos de lamentar a perda de mais um daqueles que, como nós, vinha pugnano pela crença do Regionalismo infelizmente tão malcompreendida na época que atravessamos, ou pelo

menos merecedora de atenção secundária. Aceite V. a manifestação profunda do nosso pesar, tenha a bondade de tomar conhecimento que, exaramos na acta um voto de sentimento pela perda de quem deixa uma lacuna difícil de preencher no nosso jorlismo provinciano. Não deixaremos de continuar a dedicar o nosso melhor carinho à questão do Porto de Mar de Esposende, agora considerado ainda para nós, como legado de harrismo do que foi o Director do «Cávado» e nosso com-provinciano.

AINDA

À saudosa memória do meu caro
João Amândio

Ele não morreu. Vive lá em cima
e habita ainda o nosso coração.
Os heróis caem, mas não morrem não:
a sua ideia a nossa ideia anima.

Vêde em «O Cávado» a sua obra prima,
em Esposende sua nobre acção...
Para inimigos era só perdão,
para os amigos teve só estima.

Lutou sozinho, lão sozinho foi
o destemido, desvalido herói
da sua terra pequenina e linda.

Por Esposende, pelo seu jornal!
E caíu... morto sim, mas afinal
a Deus pede por nós... é nosso ainda.

Manuel Mexello.

a) Alfredo Cândido

a terminar, vem-nos garantir a vida do semanário *O Cávado*, honrando assim a memória de seu saudoso tio e a sua vontade última. Este jôvem, de quem seu tio me fez em tempo particulares elogios, merece toda a protecção, a par da justa admiração que lhe voto.

Os mortos falam pelo bem que hajam feito na sua peregrinação terrena: aos vivos compete aceitar, respeitosamente, a lição dada.

P.^o D. ANSELMO B. REGO

MAGOOU-NOS
sinceramente
o passamento

Morreu João Amândio

De SOEIRO DA COSTA

de João Amândio, de quem, devido às penhorantes atenções recebidas nos confesávamos amigos e o sabíamos nosso.

Entre nós se estabeleceu a mais amistososa correspondência—sem que todavia pessoalmente o conhecessemos.

Contudo, dela conhecemos das suas qualidades de bondade, dos seus propósitos dignos em servir a sua tão amada terra e o bem dos seus naturais, e por esse objectivo tão alevantado sabíamos que trabalhava denodadamente e o seu Jornal melhor o reflectia—levando todos pelo estímulo dado, a acompanhá-lo nessa honrosa tarefa que, por si só, eleva e dignifica o Homem e torna grata e obrigatória a gratidão dos que com ela participam.

Daí—todos de coração sentirem, magoadamente, o seu desaparecimento, e tanto mais quanto havia a esperar da sua dedicação e tenacidade em favor de Causa tão lustrante para o seu nome e da sua terra.

Não o poderia ter conseguido com brilhante êxito se não fosse o seu belo Jornal, através o qual com todo o seu elevado e nobre pensamento o teve a coadjuvá-lo desinteressada e abnegadamente. Penas Ilustres—que nem sempre a Imprensa Regionalista consegue, apesar de reiterados e digníssimos esforços nesse sentido, vê-

-se secundada, sempre, para idênticos e nobres como alevantados e dignos objectivos.

E' que João Amândio sabia prender e cativar os que dele se acercavam.

A vida é necessário ser feita assim, para que, de facto, bem possa dizer-se que se vive, pois que é da boa e leal permuta ou reciprocidade de atenções entre os seres humanos que frutificam os verdadeiros e amistosos laços duma estima perdurável, e donde se colhem os melhores e benéficos frutos...

João Amândio pensava, pois, bem e mui acertadamente; e daí o vêr-se estimado e melhor apreciado e sinceramente coadjuvado no que ele considerava o seu grato dever e era sua honrosa divisa:

«Pelo bem de Esposende e da sua população»—de que era esforçado e digno defensor.

*

Paz à sua alma; e que, assim, descanse, quem procurou servir o bem e dispensar a todos que dele se acercavam os primores da sua bondade e o desejo ardente de ser útil.

SOEIRO DA COSTA

«**M**ORREU o João Amândio...»

«Morreu o do «Cávado...» Assim correu célere pelas ruas da vila a infausta notícia! Os transeúntes entreolhavam-se, perplexos e aterrados!

Podia lá ser! O João Amândio morto?!

—«Ele, o Amândio, ainda há 10 minutos estava na Redacção»—balbuciava um, voz lacrimosa, torturado pela dúvida!

E logo uma mulherzinha de avançada idade com os olhos envidraçados de lágrimas, voz embargada pela emoção, confirmava:

—«Sim... morreu... morreu... de repente...»—«Era um grande bairrista...»

À MEMÓRIA DE

João Amândio

Prestigiosa Figura Esposendense

De EUGÉNIO CARDOSO

vai fazer muita falta...»

—comentaram simultaneamente todos os presentes, reprimindo a custo, as lágrimas que rolavam pelas suas faces maceradas pela dôr! Estas primeiras reacções do povo esposendense, colhido de

chofre pela má nova demonstram, singela e eloquentemente, o quanto o pranteado e ilustre extinto era querido e admirado pelos seus conterrâneos!

João Amândio era um esposendense contemplativo. Vimo-lo, repetidas vezes, deambular pelas margens deslumbrantes do nosso remansoso rio Cávado, olhos fitos no vago, o seu pensamento voando através



das regiões da fantasia, sonhando talvez —quem sabe?— com a próxima realização da maior das aspirações do seu povo: o porto de mar!

Bairrista, no que o vocábulo tem de mais nobre e puro, defensor acérrimo, intransigente e indefectível dos supremos interesses e legítimas aspirações da sua terra, João Amândio poderá, dificilmente, ser igualado, mas jamais excedido!

Não admira, pois, que o seu súbito e inesperado falecimento deixasse os esposendenses mergulhados numa dor imensa!

Este jornal, que êle fundou e dirigiu durante 32 anos, com tão acrisolado amor, foi a arma de combate de que, sàbiamente, sempre se serviu para, no campo da batalha, defender tenazmente a elevada causa da sua linda e querida terra!

E foi entrincheirado no campo da luta, empunhando a sua melhor arma de combate—«O Cávado»—que a Parca, traçoira e cruelmente, lançou sobre ele as suas garras

aduncas, roubando-o do regaço da sua amada (Esposende), para o cingir num lençol de vermes!

(Triste condição, a dos mortais!...)

Com João Amândio morreu um dos maiores esposendenses, um prestante cidadão e um chefe de família exemplar!

Quando um dia se escrever a «História de Esposende» dos últimos 40 anos, a João Amândio estará, indubitavelmente, reservado um dos capítulos mais brilhantes!

Saibamos nós, esposendenses, compreender e aproveitar a nobilíssima lição de bairrismo ministrada pelo saudoso extinto, para bem da terra que tão entranhadamente amou!

Será esta, creio-o bem, a melhor homenagem póstuma que lhe poderemos prestar!

EUGÉNIO CARDOSO

Dezembro de 1948.

A minha derradeira homenagem

TIVE sempre grande consideração e respeito por aquele homem tão singular, a quem a morte traiçoeiramente arrancou de entre os vivos e que, durante mais de 30 anos de lides jornalísticas, se dedicou muito especialmente ao engrandecimento de Esposende e seu concelho.

Com êle tratei de perto e não foram tão poucas as vezes em que, oportunamente, avalei do seu modo de ser e proceder em relação a coisas particularmente pessoais, que de resto—na arte gráfica—o que produziu literariamente em abono dos interesses da região, não passa despercebido a quem quer que seja. Isto não serve de base a elogios que porventura queira tecer como tributo devido à sua saudosa memória; mas se bem que esteja longe de poder, com pormenores, biografar tudo que faz parte da vida de João Amândio, afirmo que a mesma oferece, mesmo só vista de relance, muito que se torna digno de nota. Por isso, sirvo-me do que consegui colher, durante algum tempo, por resultado dum estudo, embora superficial, sobre a sua personalidade, em que são de veras notáveis algumas características.

João Amândio conquistou inúmeras simpatias sem deixar de ser o que a sua nobre missão lhe impunha.

Foi um bairrista dinâmico e dentro da própria esfera de acção jamais recuou ante obstáculos, ainda que houvesse de suportar o efeito da crítica ou dos ódios, por vezes de origem facciosa. Muito foi e valeu adentro do âmbito das suas responsabilidades; chamo-lhe, até, sentimentalista e genial através de tudo que foi sua obra; e confesso que sinto ainda através das suas expressões, mesmo das mais simples—sempre despidas de preconceitos—aquele sabor humorístico que fazia a conversação agradável, sem que esta qualidade inerente lhe diminuísse as boas maneiras de trato. Se o espaço não fôsse limitado, mais diria segundo o meu modo de ver e sem faltar à verdade, sobre o homem que genialmente se revelou, sobretudo na árdua conquista do Bem para a sua terra engrandecer, ao que as gerações reconhecidas farão justiça.

A. LIMA.

Curvos, 29-12-1948.

Recordando João Amândio

De JOSÉ MANUEL LOUSA GOMES

EMBORA o tempo livre de que dispo-
nho me seja bastante escasso, a
minha consciência não permitiu
que me furtasse ao trabalho de escre-
ver algumas palavras dedicadas à me-
mória daquele que foi fundador deste
jornal e meu particular Amigo.

Tive a honra de conhecer João
Amândio logo no início da minha
colocação em Esposende. Durante os
dois anos que prestei serviço na sua
amada Terra, conversávamos amiuda-
das vezes, sobretudo aos domingos,
por ocasião da sua costumada volta
pelo cais, guardando dessas conversas
imorredoiira recordação.

Sem que isto represente protesto
ou revolta contra a vontade do Crea-
dor, que tudo faz bem feito, devemos
admitir que Ele partiu cedo de mais
para a viagem donde se não regressa,
deixando, no entanto, uma larga folha
de serviços prestados à Terra que o
viu nascer.

Morreu precisamente quando os
seus consecutivos apelos em favor do
Porto de Pesca da sua amada Espo-
sende, estavam a ser escutados por
quem devia ouvi-los.

E' pena que a vida de certos
homens da têmpera do saudoso João

Amândio não seja
mais prolongada!
Mas, ela é tão curta
que mal alvorecemos
no horizonte da nossa
existência, logo tom-
bamos no horizonte

sombrio e tétrico da morte. A vida,
no dizer do ilustre escritor Júlio
de Oliveira, «tem destes tristes e
dolorosos contrastes e, quem tenha
conseguido uma existência duradoira,
vê que o caminho andado lhe fica
semeadado de cruces não só marcando o
desaparecimento dos seus, mas dos
amigos verdadeiros que muito esti-
mava e de quem não consegue afastar
a saudade».

Do espírito dinâmico e empreende-
dor de João Amândio, muito havia
ainda esperar, mas Deus entendeu que
era tempo de o descansar da sua
incansável lida e, por isso, chamou
para junto de si o Homem que passara
a maior parte da sua vida a trabalhar
pelo progresso e engrandecimento da
da sua região, na ânsia sempre cres-
cente de a fazer mais e melhor.

Que Deus faça com que a sua bon-
dosa alma descanse em paz, são os
desejos do Amigo que neste momento
o recorda, vivendo a saudade das
horas que passamos juntos.

JOSÉ M. LOUSA GOMES

2.º Sarg.º da Guarda Fiscal

Alfândega do Porto, 1948.

Em memória de um amigo

De
JÚLIO CRUZ

EU e o João, fomos companheiros
de oficina quando aprendíamos,
ambos, o mesmo «modo de vida»
em casa do meu falecido tio e mestre
Zé Vieira, então proprietário e director
do «Esposendense», que nos ensinou
como se enfileiravam no componedor
as letras dos caixotins e se decifravam
enigmas de caligrafia que as nossas
fracas posses de escolares mal com-
preendiam, e, depois disso, lá de vez

em quando, a manobrar um prelo que
hoje deve contar boa centena de anos
—velha recordação de que a Fundação
de Massarelos muito se deve orgulhar.

Durante os largos anos que convi-
vemos juntos dentro e fora da oficina,
nunca o João Amândio teve o menor
deslize ou incorrecção para o seu com-
panheiro de trabalho, tão próprias de
rapazes de menor idade e sem respon-
sabilidades, mantendo ambos, através

a vida e o tempo, sólida amizade que infelizmente se quebrou em 30 de Novembro.

Pobre rapaz! Quando tive conhecimento da sua passagem desta para a outra vida, fiquei tão magoado como se tivesse perdido um irmão.

Nas minhas idas a Esposende nunca deixei de visitar êsse velho amigo de infância, que se foi, como muitos outros que recordo com saudade, e um prazer grande nos colocava face-a-face evocando a vida despreocupada de tempos idos ou discorrendo sobre as inquietações da vida presente...

No seu ondular forte e sereno, o Destino atirou-nos, a um e a outro, para situações diferentes, de modo que, enquanto eu obscuro e longe vou remoendo saudades da minha querida Esposende, o João fez-se homem na sua terra, sem quebras, sem interesses nem ambições, serenamente, como serenamente findou.

Fustigados pelas durezas da vida, em

nós, os vèlhos, crava-se mais fundo o espinho da saudade e a sensibilidade é bem maior que em corações jòvens. Um olhar retrospectivo e o dia de ontem parece-nos de hoje registando-se nítidos, na memória factos e coisas, seres e paisagens; como se dastacassem em quadro branco de cinema...

Estou a ver o João, miúdo ainda, um pouco mais novo que eu, mal chegando ao cavalete e sem forças para aguentar o pesado rolo da tinta, que muito nos arreliava e ao Vieira, quando não seguia em recta pelas páginas fóra...

Mas o João cresceu, deitou raízes, e não levou muito tempo que se abalancasse a árdua tarefa de montar oficina e dar à estampa um jornalzinho que todos estimam e ocupa hoje lugar de destaque na galeria da pequena imprensa.

Contava então o João 21 anos!

Como estes 32 anos se passaram rápidos, João Amândio!

J. CRUZ

In Memoriam

Ao espírito inestimavelmente
bairrista de João Amândio

Após a triste nova a mim chegou,
De que tinhas partido desta vida,
Sem um adeus, sequer, por despedida
Ao berço que teus sonhos embalou;

Após pensar, — tal como agora estou —,
Naquilo que nós somos... e sentida
A tua perda, amigo!, — em tua lida —,
Deixando a terra que teu peito amou;

Após sentir meu íntimo descrente
De que fosse verdade a morte dada,
Me convenci, João, mas descontente!

Depois, mais calmo, a tua voz alada
Ouvi gritar do céu, em tom plangente:
— «Adeus ò Esposende!, ò terra amada!

Boanerges Cunha.

OS AMIGOS QUE NOS ESCREVEM

Do Major TORRES JÚNIOR:

...Sr. Director de «O Cávado»

Venho associar-me, sentidamente, à justa homenagem a João Amândio, bairrista tenaz e insigne patriota.

De JAYME D'OLIVEIRA:

...Sr. José Bernardino Amândio e Nosso Caro Amigo

Foi com verdadeira comoção que hoje, de manhã, tivemos, ao abrir o vosso jornal *O Cávado*, a infeliz novidade do falecimento do Nosso Muito Querido Amigo *João Amândio*, pessoa que sinceramente estimávamos, pelas suas grandes qualidades de trabalho e de bondozíssimo trato, sempre pronto a prestar um serviço a um amigo.

Jamais poderemos esquecer aqueles inesquecíveis momentos de cavaco, no seu estabelecimento, quando das nossas visitas a Esposende, sempre com a visão duma prosperidade certa, para a sua terra natal, com a construção do porto, o seu grande cavalo de batalha.

Que descance em paz o Nosso Querido João Amândio, pois a Sua Memória, jamais será esquecida por nós.

Com os Nossos cumprimentos de profundo sentimento, para a S. Ex.^{ma} Família, e para Si, Nosso Amigo, fazendo sinceros votos para que possa seguir os exemplos e o caminho do Nosso Pobre Amigo.

Do Tenente ANTÓNIO B. MOREIRA:

...Sr. Director de «O Cávado»

Foi com bastante mágoa que eu li a notícia do falecimento do querido amigo João Amândio, pelo que envio

à família enlutada os meus sentidos pêsames, bem como a todo o corpo redactorial de «O Cávado».

Esposende perdeu um dos maiores defensores dos seus interesses e um dos mais devotados batalhadores pelo seu progresso.

A maior homenagem que todos os esposendenses podem prestar a tão preclaro paladino, é prosseguirem com a sua obra, sem desfalecimento, em prol de Esposende e seu concelho.

Sugerimos também que, como preito de homenagem a tão insigne esposendense, seja dado pelas entidades municipais o nome de «*João Amândio, insigne jornalista e grande bairrista esposendense*» ao Largo denominado «Tomás de Miranda» ou a outra importante artéria da vila.

Do Coronel JOÃO R. BAPTISTA:

...Sr. Director de «O Cávado»

Tendo tido conhecimento do falecimento do sr. João Amândio, apresento os meus sentidos pêsames, lamentando profundamente o desaparecimento de um homem dotado de excelentes qualidades, digno da nossa mais elevada consideração e amizade.

Do Actor SILVA LISBOA:

...Sr. Director de «O Cávado»

Meu Deus! Fiquei horrorizado ao saber da morte de meu querido amigo João Amândio!

Meu Deus! Para que levá-lo tão cedo desta vida, se o Amândio era amigo do seu Amigo!

Amigo de sua família! Amigo da sua Esposende porque tanto trabalhou e Amigo do seu Cávado?!... Perdoai-

-me meu Deus! Não me revolto contra a sua Divindade! Lastimo que uma alma grande e bondosa, cheia de alegria e atenções para todos, deixasse o número dos vivos, quando ainda tinha tantos anos diante de si, para benefício dos seus e da sua Esposende!

Por mim e por minha Esposa, deixo bem vinculada a toda a sua Ex.^{ma} Família, a saudade que nos deixou o seu desaparecimento! Todavia: para o Casal Silva Lisboa, João Amândio é imortal!

Os nossos sentimentos pelo Amândio, desejo que toda a família os saiba!
Adeus querido Amândio!

De DAVID EIRAS G. DA SILVA:

...Sr. José Bernardino Amândio

Como leitor assíduo do semanário «O Cávado», e simpatizante da Vila de Esposende terra que serviu de berço a minha querida Mãe, associo-me à homenagem em memória do sr. João Amândio que, através do seu órgão regionalista de publicidade, tão afincada e devotadamente defendeu os interesses do seu pequeno mundo, que era Esposende.

Unido ao pensamento de todos os esposendenses, nesta hora de justa gratidão à obra de João Amândio, manifesto o meu pesar pela perda irreparável daquele a quem Esposende muito ficará devendo.

Paz à sua alma.

Do Jornalista JOSÉ DE MATOS:

...Sr. Director de «O Cávado»

Só agora tendo tido conhecimento do falecimento inesperado do meu grande amigo João Amândio, venho apresentar a V., e à família do extinto, os meus mais sentidos pêsames, lamentando que Esposende tão cedo tenha perdido um dos seus mais acérrimos defensores.

De FRANCISCO ESTEVES:

...Sr. Director de «O Cávado»

O número de hoje, do pequeno, mas sempre desejado jornal de Esposende, trouxe-me a notícia dolorosa e inesperada do falecimento do querido Amigo, João Amândio, seu director.

Foi um choque violento para mim, pois reconhecia em Amândio um amigo dedicado e sempre pronto na defesa da terra, a dar guarida à colaboração dos que pediam justiça.

Amândio faz falta a Esposende pela dedicação com que no seu jornal lhe defendia os interesses e o calor patriótico com que pugnava pelos melhoramentos, contra a inércia e falha de espírito bairrista, dos que nem fazem, nem deixam fazer...

Que seu Sobrinho, também meu querido Amigo, a quem aqui apresento o meu sincero pesar, prossiga com a mesma orientação, a defender a terra linda de Esposende e a não poupar quem for contra ela — esteja onde estiver e seja grande, ou pequeno. Que, verdade, verdade; quem é contra a terra, é sempre mesquinho, e mal vale a pena gastar cera...

O que aqui fica são apenas duas linhas sem estilo; mas não queria, nem podia deixar de prestar esta derradeira e sentida homenagem, a quem, em vida, foi denodado campeão do engrandecimento e prosperidade, da terra bela e acolhedora, que é Esposende.

Do Capitão JOSÉ G. LOSA:

...Sr. Director de «O Cávado»

Foi com profunda mágoa que li a notícia do falecimento inesperado do sr. João Amândio, antigo e prestimoso Director do jornal «O Cávado» e grande defensor dos interesses de Esposende.

Com quanto eu pense que a morte é uma simples passagem da vida, sinto

bastante o desaparecimento daqueles que, durante a sua existência física, trabalharam incansavelmente pelo progresso da sua Terra, da sua Pátria, e da Humanidade em Geral, visto que, infelizmente, há muito pouco quem os possa substituir.

Mas tenho grande esperança que V. o honrará a ele, cumprindo inteligente e patrioticamente a sua missão, e que ele, dentro do possível, o inspirará, facilitando o seu árduo trabalho, pois quem durante a vida física trabalhou sempre para o Bem Comum, depois da morte não renuncia à sua missão.

Que a sua Alma descanse em Paz e Glória, que os seus descendentes suportem resignadamente a sua grande mágoa e a sua falta, e que «O Cávado» continue a interessar-se pelo progresso da sua Terra, são os desejos ardentes do antigo assinante e amigo.

De MANUEL F. DA COSTA LIMA:

...Sr. José Bernardino Amândio

...Desde que cheguei a Esposende em 1917 nunca entre nós houve a mais pequena discordância, e durante todo o tempo convivemos bastante.

Ainda nas últimas férias de verão me deu provas da muita amizade e estima que me dispensava e a todos os meus.

Foi uma grande perda para a família, e para Esposende. A sua memória perdurará indefinidamente.

«O Cávado», que é sem dúvida a sua grande obra, deve e pode continuar sob a sua direcção. É preciso que continue para engrandecimento da nossa querida e linda Esposende.

João Amândio era um Bom, e por isso Deus o chamou cedo ao seu Reino.

Os inúmeros amigos que deixou, e entre eles o mais humilde que sou eu, choram-no por muito tempo.

Que descanse no seio de Deus, é a última homenagem que lhe presta o que foi seu Amigo muito dedicado.

TELEGRAMAS



Com grande pesar, Vilas-Boas Neto associa-se à dor causada pela morte de João Amândio, amigo dedicado e bairrista dos melhores da nossa Terra.

Direcção Grupo Amigos de Fão envia sentidas condolências lamenta sinceramente desaparecimento bom amigo, incansável, compreensivo, desinteressado, defensor, aspirações freguesias concelhias.

Sentidas condolências tão grande perda.

António Fonseca

Sinto profunda mágoa falecimento bom dedicado amigo envio muito sentidas condolências.

Franklin Nunes

Sentidos pêsames morte irreparável amigo João.

Tito.

Lamento com vivas saudades morte Director Cávado grande Esposendense condolências.

Manuel Morais

O QUE DISSE A IMPRENSA

Do «Correio do Minho», de Braga:

«Realizou-se hoje o funeral do sr. João Amândio, fundador e director do Semanário local «O Cávado».

Morreu no seu pôsto, na redacção do seu Jornal, repentinamente, cêrca das 2 horas da tarde do dia 30.

A notícia correu célere em todo o concelho onde o infortunado Jornalista era muito conhecido e estimado. No funeral incorporou-se o Grémio do Comércio, de que era Secretário, e Associação dos Bombeiros e Socorros a Náufragos, além das pessoas de maior representação e muito povo.

Cobria o ataúde a bandeira do seu Jornal. No Cemitério o prof. Carlos Martins pronunciou algumas palavras de despedida.

João Amândio desde criança que se afeiçoara aos trabalhos da Imprensa. Em 1917 fundou «O Cávado», jornal que tem sido sempre estrênuo defensor dos interesses do concelho. Ultimamente todo o seu afã, era ver realizada as obras do Porto de Pesca—ponto de partida para o engrandecimento da sua terra que estremecidamente amou.

Pelo seu bairrismo e dedicação à terra natal, é homem cuja falta se vai fazer sentir.»

De «A VOZ», de Lisboa:

«O acontecimento inesperado causou a mais profunda consternação na vila inteira e concelho, porque João Amândio reunia excelentes qualidades pessoais e como jornalista defendeu sempre e acêrrimamente os interesses desta região.

Foi «O Cávado», há 30 anos por ele fundado e dirigido, e é através dos seus números, o melhor documento elucidativo a apontar às gerações presentes e vindouras o quanto foi e valeu o homem que através do seu jornal pugnou tenazmente para que a sua terra adorada fosse engrandecida à altura que merece.

Esposende perdeu, na defesa de todos os seus interesses, um grande pugnador, mas que estamos certos de que o sr. José

Bernardino Amândio, fará acção prestante, seguindo o recto caminho que seu tio traçara com o intuito apenas de bem servir e engrandecer a terra que lhe deu o berço.

O seu funeral realizou-se no dia 2 do corrente, com grande acompanhamento de individualidades de elevada representação social, jornalistas, povo etc.»

De «A Aurora do Lima», de Viana:

«Director de «O Cávado», e distinto esposendense, querido de todos os seus conterrâneos, deixa uma lacuna na vizinha e progressiva vila cujos interesses sempre defendeu com inexcedível dedicação, para tanto não fugindo a sacrificios e até desgostos, que parecem ser, já agora, apanágio da pequena imprensa.

Curvámo nos, reverentemente, ante os seus honrados despojos.»

De «O Primeiro de Janeiro», do Porto:

«O extinto que gozava de gerais simpatias no meio local era um acêrrimo bairrista e no seu semanário bateu-se sempre valorosamente pelos interesses de Esposende. A sua morte foi muito sentida.

O funeral hoje realizado, constituiu uma grandiosa manifestação de pesar, tendo o comércio local encerrado em sinal de sentimento e ainda porque o saudoso jornalista era o presidente do Grémio do Comércio.

Junto do coval falou o amigo íntimo do falecido, sr. prof. Carlos Martins que pôs em destaque o bairrismo de João Amândio que tão devotado foi à sua terra.»

Do «Comércio de Guimarães»:

«Fomos surpreendidos com a morte inesperada do incansável Director do nosso presado colega de «O Cávado», o sr. João Amândio.

Conhecíamos-lo pouco, mas o suficiente

para dele fazermos juízo lisongeiro.» Há anos, encontrámo-nos em Braga, em serviço profissional, e João Amândio, mostrou-se um colega consciencioso e leal.

Morreu como todos os que na *Imprensa labutam*:—No Campo de combate, na Redacção, junto dos autógrafos que iam para a tipografia, possivelmente, lutando pela sua Terra e pelo bem geral, esquecendo-se de si e dos seus!

Que descanse em paz, e a todos que trabalham no «Cávado», o nosso cartão de muito pesar.»

De «O Barcelense», de Barcelos:

«Constituiu uma verdadeira manifestação de pesar, pois que o extinto gozava de gerais simpatias em todo o concelho.

As colectividades locais, com as suas bandeiras, fizeram-se representar no prético fúnebre.

Desde o mais humilde pescador à figura mais representativa do meio esposendense, ninguém deixou de o acompanhar à última morada. O ataúde foi conduzido no pronto socorro dos Bombeiros Voluntários, formando atrás todo o corpo activo e os elementos que constituem a secção dos Socorros a Naufragos daquela vila.

Junto do coval falou o sr. prof. Carlos Martins que num simples mas chocante improviso traçou o perfil moral e cívico de João Amândio, vincando bem o assinalado bairrismo de que sempre deu provas e a coerência nos princípios em que se integrou e deixou embalar o seu espírito.

Fez sempre do seu jornal uma espécie de baluarte para a defesa dos interesses da terra que lhe foi berço.

Ainda agora, o movimento das forças vivas locais e a campanha que a imprensa diária do distrito tem mantido em prol dos melhoramentos de que o porto de pesca de Esposende carece, tudo isso é o reflexo da sua iniciativa e da sua actividade. Morreu novo, apenas com 53 anos, quando ainda do seu dinamismo e da sua argúcia Esposende muito havia a esperar.

Porém, é fora de dúvida que a projecção do seu bairrismo e a simpatia que soube conquistar no meio dos seus conterrâneos não deixe de constituir o melhor incentivo para os esposendenses continuarem a trabalhar pelo progresso da sua terra. O director de «O Barcelense» há muito

que conhecia e mantinha as melhores relações de amizade com João Amândio. Por isso a negra Parca, envolvendo as suas sinistras asas à vida daquele nosso amigo, arrebatando-o bruscamente ao convívio dos seus concidadãos, causou profunda tristeza nesta redacção.

Do «Comércio da Póvoa de Varzim»:

«Fomos dolorosamente surpreendidos com a notícia da morte, repentina, do nosso estimado colega sr. João Amândio, director de «O Cávado», de Esposende, semanário que fundou e orientava com o maior carinho, pois, bairrista como poucos, todo o seu desejo era ser útil à sua querida terra.

Acompanhamos os nossos colegas de «O Cávado» no duro golpe que acabam de sofrer, rendendo os protestos de muita admiração à memória do dedicado esposendense.»

Da «Escola Remoçada», de Braga:

«Fomos surpreendidos pela infausta notícia do falecimento prematuro do nosso esclarecido e devotado amigo, sr. João Amândio, fundador e activo director do nosso presado confrade «O Cávado», de Esposende. A redacção da *Escola Remoçada* expressa àquele nosso colega nas lides da imprensa e à Ex.^{ma} Família do saudoso jornalista as mais sentidas condolências.»

De «O Cardeal Saraiva», de Ponte de Lima:

«Faleceu em Esposende o distinto director do nosso presado colega «O Cávado», semanário que devotada e inteligentemente dirigia. Bairrista acendrado, João Amândio, tinha pelo prestígio das coisas da sua terra o mais devotado interesse.

Esposende fica a dever-lhe uma vida de serviço dedicado e frutuoso.»

Do «Correio de Azemeis»:

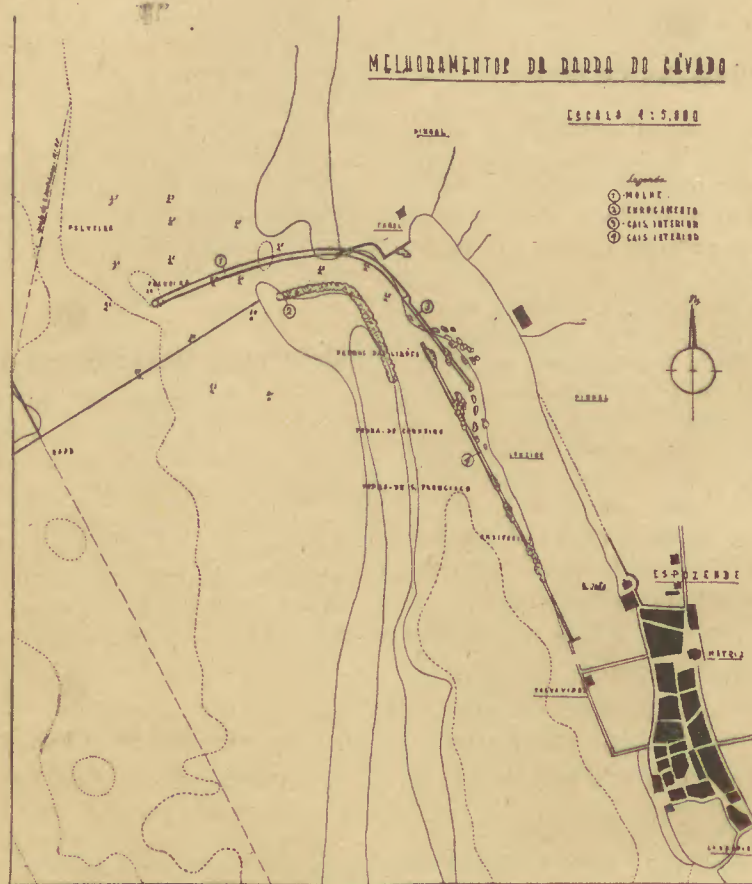
«Em Esposende faleceu repentinamente o fundador e director do nosso estimado colega «O Cávado», sr. João Amândio.

A sua morte foi muita sentida, pois João Amândio era um acérrimo defensor dos interesses daquele concelho.»

UM LEGADO DE JOÃO AMÂNDIO

Teremos um

PORTO DE PESCA



ANTE - PROJECTO

Sonho dourado duma
vida que se extinguiu.

« O CÁVADO » VIVE!



A ÚLTIMA página cabe ao herdeiro do saudoso Director de «*O Cávado*».

Não para depôr em comum, com os Amigos de João Amândio, nem menos fazer acréscimos.

O depoimento foi completo, e se analisarmos, em unísono.

João Amândio, era de facto um verdadeiro esposendense, e um devotado e intransigente lutador pela causa mais justa e humana que se pode realizar em Esposende: o Porto de Pesca.

Pessoas de Bem e dignas do maior respeito, e de todas as categorias sociais, fizeram o seu depoimento.

Derradeira e merecida homenagem ao saudoso extinto.

A nós, nos primeiros passos da nossa vida, nada mais podemos afirmar que não seja:

— João Amândio! — O teu querido *Cávado* vive.

A tua memória ocupará sempre o primeiro plano, na nossa luta! Continuaremos devotados à mais grandiosa e inteligente campanha que se deve fazer em Esposende: o Porto de Pesca.

O teu maior sonho, é a nossa maior ambição.

A tua melhor arma de combate — «*O Cávado*» — foi-nos legada para dar continuidade à luta.

Comungamos no mesmo pensar, no mesmo sentir e querer.

Certos dos numerosos escolhos que virão debater-se traiçoeiramente, para esmorecer o nosso ânimo ainda moço, não olvidaremos um momento para afirmar em presença da tua saudosa memória.

— O teu *Cávado* Vive!

— Outro Amândio está presente!

JOSÉ BERNARDINO AMÂNDIO



BMMB



34740012098

JOAO AMANDIO

Bibl
Manue